



Cordel de saia

A Literatura escrita por mulheres que lutaram pelo seu reconhecimento

A Literatura de Cordel é uma das representações culturais mais marcantes da região Nordeste. Uma tradição que surgiu na Europa e veio para o Brasil com os portugueses no século XVII. Mesmo vindo de terras tão distantes foi no interior da região Nordeste que essa literatura se popularizou. Por muito tempo foi o principal veículo de comunicação nas regiões mais remotas do sertão nordestino, sendo levados pelos caixeiros viajantes para as feiras das pequenas cidades, para que a população pudesse se informar do que estava acontecendo na região, no Brasil e porque não dizer no mundo. Durante muito tempo esse campo da literatura popular foi reduto unicamente masculino, não existiam cordéis escritos por mulheres.

Sabemos que antigamente a sociedade era extremamente machista, não havendo espaço para as mulheres exercerem outros

tipos de atividade, além dos afazeres domésticos. Essa realidade perpassou por muitos anos no mundo inteiro e no Brasil não foi diferente, principalmente no que diz respeito ao Nordeste. Graças a origem humilde, as mulheres sertanejas, em sua maioria analfabetas, quase não tinham acesso a livros, jornais e outros meios de comunicação.

Era raro encontrar moças que se aventurassem na arte de escrever, a exemplo da Literatura de cordel. Os primeiros registros encontrados sobre uma mulher cordelista datam do ano de 1938, onde Maria das Neves Batista Pimentel, escreveu um cordel intitulado de “O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade”. Maria usava do pseudônimo de Alatino Alagoano. Esse artifício foi utilizado pela poetisa para que seus folhetos fossem vendidos; caso assinasse com seu nome verdadeiro as vendas seriam nulas.

A partir da década de 70 é

possível observar manifestações assumidas de autoria feminina nos cordéis. O Nordeste, como centro mais popular dessa literatura, é grande reduto de poetisas que escrevem suas histórias em forma de versos. Na Paraíba, um dos nomes mais significativos de poetisa é Lourdes Ramalho que retrata em seus versos a realidade do sertão nordestino.

Todos os anos em que ficou reprimida e foi impedida de saborear o doce sabor de uma boa leitura, a mulher não se deixou abater e lutou até conseguir ser reconhecida e publicar sem medo de repressão. Através de seus versos, denunciam a realidade social e criam perspectivas para uma nova vida sem barreiras e preconceitos. São mulheres fortes, corajosas, mães, educadoras e veem através dessa manifestação cultural tão rica a forma de enfrentar os dissabores de uma vida dura, mas sem deixar de lado a essência feminina.



{ Helvia Callou
Foto: Divulgação

Helvia Callou

“*A mulher está começando a assumir todos os papéis que o homem desempenha*”

Natural de Serrita-PE e radicada em Campina Grande desde 1979, Helvia Callou escolheu a rainha da Borborema para escrever suas poesias. Seu trabalho é eclético, vai desde o soneto lírico até a poesia popular, mas o teor político na sua literatura é mais aguçado. Tem o sonho de escrever cordel em forma de quadrinhos. É uma poetisa arretada, que luta para que a cultura popular não se perca no tempo. Em entrevista, ela conta sua trajetória e seu envolvimento com a cultura do cordel e revelando o papel desta na discussão da política.

Como começou seu interesse em escrever cordel?

O contato com o cordel surgiu muito cedo com meu avô. Era o escrito que eu tinha nas mãos naquela época, e posso dizer que me alfabetizei com ele. Mas tudo começou mesmo com a poesia, eu escrevi meu primeiro cordel quando saí da faculdade de Comunicação em 1982. Meu primeiro cordel foi “Dona Crise e o jovem Max”.

Que importância a senhora acha que o cordel desempenha na cultura popular nordestina?

O cordel desempenha um papel fundamental, pois ele foi o primeiro veículo de comunicação, era como as pessoas naquelas partes distantes do Nordeste sabiam do que acontecia no país. O cangaço, por exemplo, era conhecido através dos cordéis que os feirantes levavam para as outras cidades; a partir daí os moradores ficavam sabendo das proezas de Lampião e seu bando. O cordel tinha a função de noticiar o que acontecia na região.

Como a senhora vê a participação feminina na Literatura de Cordel?

A mulher está começando a assumir todos os papéis que o homem desempenha. Ela tem a capacidade de enxergar o que a figura masculina não enxerga, em diversas áreas, principalmente no cordel e na educação. A entrada da mulher neste tipo de literatura popular vem sendo de fundamental importância.

Grande parte das histórias contadas nos cordéis é sobre amor, religião, fantasia, luta. Seus cordéis falam sobre o que?

Minha literatura é voltada para a política.

Por que política ?

Porque tive uma infância sofrida, não tinha muitos recursos para aprender e eu tinha fome de conhecimento, sede de justiça. Queria entender porque uns tinham tanto e outros não tinham nada. É meu grito de protesto diante das coisas que acontecem no nosso país, as injustiças, então eu vi no cordel a forma de protestar, mas também tenho obras com temas diferenciados da política a exemplo de brigas familiares, sobre a cidade de Campina, o São João.

A senhora acha que a mulher cordelista tem reconhecimento do grande público?

Não acho que a mulher tinha reconhecimento. Hoje eu vejo mudanças, principalmente pela visão dos jovens.

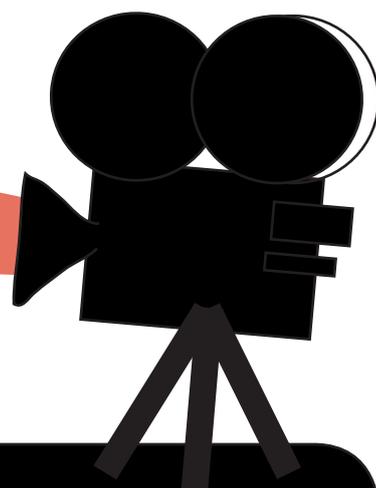
Já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher e escrever numa linha onde os homens são maioria?

Não. Já me senti rejeitada por causa do conteúdo da minha poesia, por escrever sobre temas políticos. Uma vez, em uma apresentação, não queriam permitir que eu participasse justamente por minha poesia se tratar deste tema tão polêmico.

A senhora coordena um projeto sobre a Literatura de cordel. Como é esse trabalho, qual o objetivo?

O projeto funciona na Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães. A grande preocupação é de que essa cultura não se perca, por isso a criação do projeto, para que o cordel não caia no esquecimento das novas gerações. Nem toda criança teve a oportunidade de conhecer este tipo de literatura. A intenção é mostrar como ele era, os caminhos que atravessou e o que é o cordel hoje.

O Cineclube *em Campina Grande*



O dicionário Aurélio define a palavra Cineclube como uma “associação em que amadores de cinema se reúnem para ver filmes e estudar a arte cinematográfica em todos os seus aspectos.” Esta definição surgiu em resposta à necessidade dos apreciadores desta arte, que desejavam mais do que simplesmente assistir aos filmes comerciais. Campina Grande viu surgir seu primeiro Cineclube em meados da década de 60, quando o então engenheiro Luís Carlos Virgulino fundou em 1964 o “Cineclube Campina Grande” que tinha como responsabilidade a exibição dos filmes de arte no antigo Cine Capitólio. A partir do surgimento do primeiro, logo outros também foram sendo criados, pois na época eram muitos os jovens que se interessavam por cinema e queriam se aprofundar ainda mais em tudo que dizia respeito à sétima arte.

Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e participante ativo no movimento Cineclubista daqueles anos, Luiz Custódio da Silva

conta o principal objetivo daquele movimento: “queríamos compreender melhor o cinema, interpretar, ler, analisar e estudá-lo. Tínhamos uma preocupação de realizar reuniões semanalmente para escolher os filmes que iríamos exibir. Os recursos eram limitados, mas éramos envolvidos com a reflexão sobre cinema.”

Naquela época, além das sessões cinematográficas existentes - Cinema de Arte e Cine Distração, no Cine Capitólio; e Cine Cultura, no Cine Babilônia-, os apreciadores ainda contavam com o “Jornal Lux”, composto por recortes com críticas sobre cinema, e com dois programas radiofônicos, na Rádio Caturité e Rádio Borborema, que repassavam valores estéticos, políticos e sociais, além de auxiliar nos debates.

Hoje, passados mais de 40 anos do início do Cineclube na cidade, o cinema volta à cena na Rainha da Borborema. Existe mais uma vez uma preocupação com a produção cinematográfica, e esta vem ganhando espaço no cenário cultural da cidade. “Hoje estão fazendo cinema, estão

produzindo. Isso é positivo. Começamos com outra preocupação e agora as pessoas estão sequenciando o que foi feito há 40 anos. Criamos uma geração que pensasse cinema e a importância do mesmo para a sociedade”, afirma Luiz Custódio.

Para Bernardo Hennys, diretor de fotografia, grande atuante e apreciador do cinema que vem sendo feito no município, esse crescimento se deve a, basicamente, dois fatores: a criação do curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como também a criação do Festival Audiovisual da UEPB, o Comunicurtas. “Com o curso de Arte e Mídia foram surgindo no mercado cada vez mais profissionais capacitados na produção técnica dos filmes.

Já o Comunicurtas se tornou uma ponte com a publicidade do audiovisual”, conta Bernardo. Então, foi uma troca; por um lado a UFCG oferecendo base técnica e no outro o Festival contribuindo para a divulgação dos filmes produzidos. Muito está sendo realizado para que o cinema se torne cada vez mais uma realidade na cidade, como também em toda Paraíba e por que não dizer, no Nordeste. E essa preocupação vem do passado, quando aqueles jovens buscaram estudar e compreender melhor a realidade do cinema e suas contribuições para a sociedade. O atual cenário cinematográfico é o fruto do Movimento Cineclubista que Campina Grande respirou nos anos 60.

Cine UFCG

O Cineclubes UFCG surgiu em outubro de 2012 com a proposta de divulgar a cultura cinematográfica no meio acadêmico. Tem o objetivo de resgatar os filmes das décadas de 70, 80 e 90, mais contemporâneos, e conta com exibições de longas-metragens, nacionais e estrangeiros no auditório do Departamento de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande.

Cine UEPB

O cineclubes Machado Bitencourt surgiu no ano de 2006 com a proposta de educar e criar novas platéias com olhar cinematográfico, além de homenagear Machado, ex professor do curso de Comunicação Social da UEPB. O objetivo é reproduzir as películas para que depois haja uma discussão a respeito do que foi exibido. Os filmes são transmitidos no auditório I da Central de Aulas da Universidade Estadual da Paraíba.

Um Museu com a cara do Nordeste

Para quem gosta de vivenciar um ambiente rústico rodeado de peças antigas e arte, uma visita ao Museu Vivo do Nordeste é uma ótima opção. O ambiente é totalmente composto por uma decoração típica do semi-árido nordestino, deixando o cenário ainda mais com cara de interior.

O projeto foi idealizado pelo professor de História da Universidade Estadual da Paraíba, Adonhiran Ribeiro dos Santos. Antes

de se tornar um Museu o ambiente era apenas um espaço onde ele guardava suas peças de colecionador; com o passar do tempo cada vez mais aumentava o número de objetos e o lugar estava se tornando significativamente pequeno para tantas peças. “Com o tempo, as pessoas vinham e achavam que era interessante colaborar, contribuir; tinham uma peça em casa, um artefato antigo, o trabalho de um artista, algo de caráter regional e acabavam trazendo”,

disse Adhoniran. Com o aumento significativo da coleção de objetos, a ideia de adaptar o local para expor as peças se tornou inevitável, a partir disto se deu a criação do que hoje é o Museu Vivo do Nordeste.

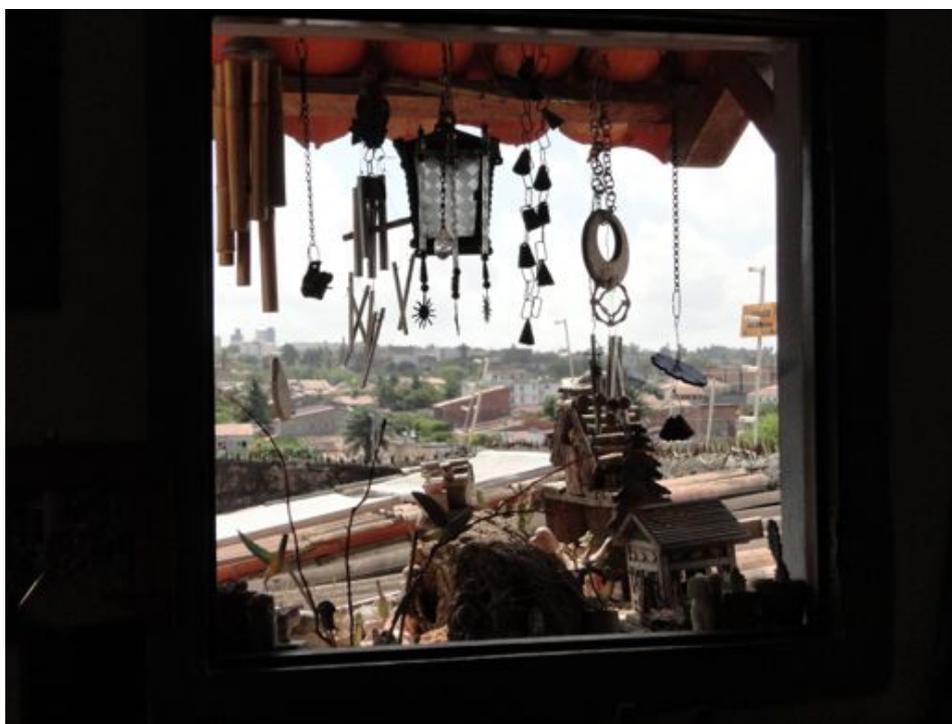
No lugar é possível encontrar um infindável número de objetos típicos da região. De acordo com Adhoniran, a maior parte das peças que hoje caracterizam o museu foram doadas, outras, as mais difíceis de conseguir ele

mesmo adquiriu, outras foram encontradas, “ as pessoas jogam fora, não sabem o valor da peça e acabam se desfazendo dos objetos”, contou o professor. Além de máquinas de costura, fogão a lenha, câmeras fotográficas, entre tantas outras, o espaço ainda conta com um anexo onde são expostas fotos, gravuras, peças artesanais, tudo que retrata a cultura popular nordestina.

O Museu Vivo do Nordeste leva esse nome, pois o professor Adonhiran não queria criar um ambiente onde as pessoas apenas observassem as peças, assinassem seus nomes e fossem embora, ele queria mais, algo novo que diferenciasse seu museu dos outros. Além da exposição dos artefatos, há sempre a presença de um público interagindo com o lugar que conta com um espaço cultural, um anexo criado com o propósito de apenas guardar peças e que posteriormente passou a servir como um local de encontro dos apreciadores da arte.

Um ambiente onde é possível conhecer a história da região através de seu acervo e ainda dançar, declamar poesias, cantar, conversar com os amigos e por que não degustar uma boa cachaça, bebida tipicamente brasileira e apreciada pelo sertanejo.

Para quem se interessar em conhecer mais de perto o Museu, deve agendar uma visita com o professor Adonhiran. O espaço fica localizado no bairro de Bodocongó, em Campina Grande, na Rua Manoel Joaquim Ribeiro, nº 239.



O país Mossoró

A cidade que expulsou Lampião e seu bando

Conhecida por sua riqueza em petróleo e sal marinho, Mossoró, que está localizada a 275 km de Natal - capital potiguar, e possui cerca de 260 mil habitantes, é a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte e um polo cultural nordestino.

A “Capital do Oeste”, como muitos a consideram, se apoia na

tradição e é uma cidade de vanguarda. Foi palco do primeiro voto feminino da América Latina e antecipou-se na libertação da escravidão, cinco anos antes da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 1888.

Além das belezas naturais, a exemplo de grutas, serras, águas termais e salinas, Mossoró ainda conta com museus,

monumentos históricos e teatros que compõem o cenário turístico e cultural do município. O Memorial da Resistência é um dos pontos que eternizam a bravura da cidade diante da passagem de Lampião, o “Rei do Cangaço”, e seu bando, mostrando a coragem dos mossoroenses, que lutaram sem ajuda das forças militares para expul-

{ Vista panorâmica da cidade de Mossoró.
Foto: Blogspot Informesdoalto

sarem os cangaceiros. O lugar conta com exposição de vários painéis com fotografias e salas de projeção de filmes.

O município também é conhecido pelos festejos juninos, os maiores do Estado. “Mossoró Cidade Junina é o evento que compreende atrações culturais e acontece durante o mês de junho. Quadrilhas, feiras de artesanato e comidas típicas não faltam, assim como a “Chuva de Bala”, um espetáculo, ao ar livre, que está na sua 11ª edição e mostra a história dos cangaceiros na cidade e como foram expulsos.

“Mossoró, Terra de Santa Luzia” é mais uma das muitas opções culturais que a cida-

de oferece em comemoração à padroeira mossoroense. O evento acontece entre os dias 03 e 13 de dezembro e é considerada um dos maiores festejos religiosos do país. A história da santa protetora dos olhos é contada através de uma apresentação teatral, o Oratório, que emociona os religiosos, ano após ano.

De acordo com Mayara Baracho, estudante de biologia que já vive na cidade há cinco anos: “O segmento de cultura é forte, principalmente graças aos incentivos de empresas, a exemplo da Petrobrás, além do apoio da prefeitura municipal. Durante o ano todo, são diversos os eventos que caracterizam

a programação do município.”

No centro da cidade é possível encontrar o Corredor Cultural, que conta com praças de skate, da criança, a estação das artes - onde ocorrem os eventos culturais da cidade, o teatro Dix Huit Rosado, a praça da convivência, dos esportes, além do Memorial da Resistência. “É um cartão postal da cidade, pra quem quer descontrair, sair com os amigos, conhecer gente nova. É um espaço certo para os que visitam Mossoró,” conta Pablo Barros, mossoroense e corretor imobiliário.

Tradição, Cultura e história marcam os espaços da cidade que acolhe turistas de todas as partes do Brasil.



{ Projeto “7 notas”
Gítana Pimentel
Foto: Divulgação

Universo Cultural

Garantir o acesso da sociedade aos bens culturais, preservando a identidade regional

Valorizar e criar um mercado para a produção local. Essa é uma das maiores propostas do segmento cultural do SESC (Serviço Social do Comércio), instituição que atua há mais de sessenta anos no estado da Paraíba. Em Campina Grande, está desde 1998 proporcionando uma alternativa para os que apreciam e valorizam todas as formas de arte.

De acordo com Álvaro Fernandes, coordenador do segmento de cultura do SESC- Centro, na Rainha da

Borborema, “a entidade tem a preocupação de propagar a cultura, pois a partir dela você adquire um acúmulo de conhecimento e passa a ter uma visão mais crítica do universo humano”.

São vários os desafios para que seja possível a realização de qualquer tipo de trabalho, em especial aqueles que envolvem cultura, já que é necessário uma quantidade maior de recursos para ser passado ao maior número de pessoas. Dentre todas as dificuldades enfrentadas pela instituição para conseguir



levar adiante seus projetos, além da parte financeira, os locais, espaços e programação são as maiores.

“Preocupamo-nos em oferecer qualidade e fazer com que os espectadores sintam-se bem diante do que veem”, conta Álvaro, e para isto, é necessário um planejamento que englobe locais acessíveis e uma agenda que esteja sincronizada com a da cidade.

É preciso democratizar a cultura para que a população tenha cada vez mais acesso aos bens produzidos em seus municípios; para isso, o Sesc conta com uma gama de projetos que visa criar um mercado para a produção local. Dentre os principais, destacamos o “Sete Notas” - desenvolve homenagens a nomes da música nacional e lança obras de artistas que precisam de espaço; projeto “Encontro da Música Regional de Raiz” – com o objetivo de propagar as tradições orais e escritas da nossa região e do país; “Semana Curta Campina” – divulga obras de diretores campinenses e promove discussões sobre as produções cinematográficas na cidade; “Overdoze”

- conta com apresentações de danças, capoeira, poesia dramatizada e artes plásticas, é realizado nos diversos espaços do Sesc -Centro, em Campina Grande, e tem a iniciativa de integrar a cultura da região; além do projeto “Palco Giratório” - o maior de circulação de artes cênicas do país: engloba teatro, circo, ópera, dança.

“A cultura é um campo, universo, que se tiver incentivo mudará muito nesse país, colaborando para uma transformação, um mundo com mais conhecimento. E conhecimento é seu, ninguém toma. E se você for inteligente, vai passá-lo pra frente. Acho que a eternidade terrena é essa”, afirma Álvaro.

O SESC é uma constante no cotidiano cultural da Paraíba, procurando de uma forma ou de outra, estimular o crescimento dos municípios em que atua. É uma opção para os que apreciam entretenimento e reconhecem os trabalhos dos artistas locais.

Mulheres no Cangaço



{ Maria Bonita
Foto:
Benjamin Abrahão

Mulher

e o cangaço⁵

A luta das mulheres por igualdade sempre fez parte da história, uma vez que a figura feminina era tida como objeto e educada apenas para o casamento, ficando suas atividades restritas a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Sempre foi vista como o sexo frágil, dominada por aqueles que se consideravam o sexo forte. A partir da década de 20 do século passado cada vez mais se multiplicavam pelos grandes centros mundiais e principais cidades brasileiras os movimentos feministas em prol da igualdade dos sexos. A realidade nordestina mudou quando uma desconhecida, Maria Gomes de Oliveira resolveu abandonar sua família e ir atrás de um grande amor. Estamos falando da famosa Maria Bonita, que deixou o aconchego familiar para ir em busca de Virgulino Ferreira da

Silva, Lampião, o “rei do cangaço”.

Nos primeiros anos do cangaço esse movimento era exclusivamente masculino, sendo a figura feminina descartada nesse meio. Para muitos a entrada de mulheres nos bandos de cangaceiros seria a decadência do movimento, achavam que elas só iriam atrapalhar a vida daqueles nômades. Lampião também nutria esse pensamento e no início de sua caminhada no cangaço não existiam mulheres em seu bando. Essa realidade mudou quando conheceu a jovem Maria Bonita. Sua paixão por aquela moça determinou uma modificação na composição dos bandos, ela foi a primeira mulher cangaceira e com ela abriu-se o precedente das companhias femininas no cangaço.

Abrir mão da casa e da família fez dessas sertanejas mulheres ousadas para a época. Maria



{ Inacinha
Foto:
Benjamin Abrahão

Bonita, Dadá, Nenê, entre outras, foram revolucionárias para o seu tempo. Mesmo sem ter consciência do fato, essas mulheres, ao largarem tudo para seguir os cangaceiros na vida perigosa e sem futuro certo, serviram como exemplo de força e coragem para outras mulheres do país.

Entender o porquê dessa atitude é algo muitas vezes incompreensível para muitos. Sobre isso muito se tem estudado, e alguns dos estudiosos do cangaço, como o escritor João de Souza Lima, autor do livro *Maria Bonita, a Rainha do Cangaço*, definiram a entrada das mulheres assim: “Várias histórias povoam esse estranho mundo feminino. Mulheres viam nas passagens dos cangaceiros, em suas roupas coloridas e seus apetrechos brilhantes, uma forma diferenciada de vida e, no entanto, como uma armadilha, se envolveram em um mundo recheado de tiroteios, mortes, sangue, fugas alucinadas e escapadas perigosas”. Quando resolveram segui-los, elas não imaginavam o que as esperava. O encanto pelos homens valentes de roupas enfeitadas deu espaço ao horror que era essa vida errante, sempre se deslocando de um lugar a outro sem nenhum tipo de comodismo. O preço a ser pago por essa atitude se refletia nas dificuldades dessa vida tão diferente das que tinham em suas casas. Uma das consequências mais tristes para essas sertanejas, sem sombra de dúvidas, era se separar de seus filhos quando nasciam. Por viverem como nômades, sem ter lugar certo de pouso, era impossível cuidar de seus bebês naquele ambiente. As crianças eram criadas pelos padrinhos, ficando às mães somente rápidas visitas de tempos em tempos.

Mas nem tudo na vida dessas mulheres foi sofrimento, exemplo disso eram as mordomias que elas recebiam. Enganam-se aqueles que imaginaram que as mulheres ao entrarem para o bando dos cangaceiros

iriam ser submissas, escravas e caseiras, muito pelo contrário, elas foram paparicadas e respeitadas por seus companheiros e outros integrantes dos bandos. As exceções aconteciam caso houvesse traição por parte delas, e isso era imperdoável para um cangaceiro, elas sentiam na pele a fúria desses homens. Professor de História da Universidade Estadual da Paraíba, Adonhivan Ribeiro dos Santos contou qual o verdadeiro papel da mulher no cangaço. “As mulheres não cozinham, não faziam trabalhos que eram considerados serviços femininos e isso foi muito interessante, pois houve uma quebra de paradigma para

a época. A entrada das mulheres conferiu uma dinâmica maior no cangaço e principalmente trouxe beleza para os grupos.”

A coragem e a força de Maria Bonita e suas companheiras ao ingressarem nas veredas do cangaço mudou significativamente a história desse que foi um dos períodos mais sangrentos da história do Nordeste. O banditismo e a violência seguiam os cangaceiros em sua jornada, eram homens que levaram medo e terror nos estados, cidades e povoados por onde passaram; saqueando, matando e muitas vezes cometendo violações sexuais contra as moças indefesas. E é nesse sentido a importância

da entrada das mulheres no cangaço. Com elas, a fúria e a violência desses homens foram aplacadas e os crimes, principalmente os estupros cometidos, deixaram de existir. A presença feminina aplacou a rudez com que esses homens viviam e agiam, proporcionando mais humanidade.

Hoje, a mulher já ocupa todos os cargos e posições que o homem domina na sociedade, não é mais considerada o sexo frágil de antes, ela é um grande

alicerce na moderna sociedade que vivemos, e isso é o resultado de anos de luta por uma igualdade hoje conquistada. Dentre as tantas revoluções

de movimentos feministas que o século passado assistiu, vale lembrar que aqui, em terras distantes dos grandes centros, num interior seco e castigado pela pobreza, uma mulher também foi revolucionária e libertou as amarras que prendiam outras mulheres da época. A eterna Maria Bonita de Lampião aplacou o coração de um homem valente e temido que trazia dentro de si apenas o sentimento de vingança. Maria Gomes de Oliveira ao deixar sua família para ir em busca de um grande amor, nem imaginava que se tornaria uma heroína e um dos maiores símbolos femininos da região Nordeste.

A entrada das mulheres conferiu uma dinâmica maior no cangaço



Maria Bonita antes do Cangaço.
Foto: Internet
(Domínio Público)



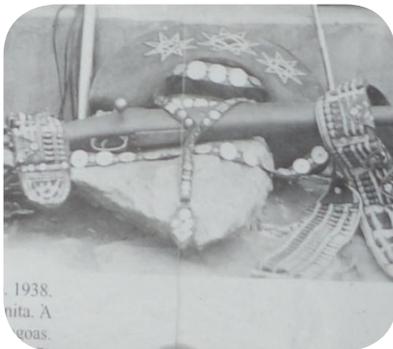
**O que você não
sabia sobre o
cangaço**

O cangaço remete a homens chamados “cabras machos”, que lutavam enfrentando coronéis, volantes (polícia) e todos os que atravessavam seu caminho e não fossem aliados. Por muitos eram considerados cruéis e sem piedade, que matavam seus perseguidores com frieza e sem compaixão.

E se você descobrisse que estes homens, que viveram nos sertões do Nordeste, no início século XX, e despertavam o terror pelas regiões onde passavam, eram vaidosos e preocupados com a aparência? Pois é, eles usavam roupas cheias de adornos, ricas em detalhes. Segundo o professor de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Adonhiran

Ribeiro dos Santos, os cangaceiros gostavam de se mostrar; pousavam para fotografias com muito orgulho e não deixavam de destacar suas armas e adereços que sempre os acompanhavam.

Quem poderia imaginar o rei do cangaço, Lampião, como um exímio costureiro, produzindo toda sua indumentária? Chapéus, cartucheiras, sandálias, tudo era feito por eles, apesar dos poucos recursos que possuíam. Para confeccionar as roupas, levavam as máquinas de costura em suas caminhadas e as escondiam em lajedos ou nas casas de seus coiteiros, Abaixo, mais curiosidades sobre a vida destes homens e mulheres que até hoje caracterizam a região Nordeste.



Além de serem utilizados como enfeite, os adereços e apetrechos, confeccionados pelos cangaceiros, tinham sua utilidade, a exemplo de carregar água, alimentos, armas, munição, materias de extrema importância para o modo como viviam, sempre mudando de lugar.

Na foto ao lado, alguns dos adereços produzidos pelos homens de Lampião



O bando de Lampião contava com um fotógrafo, Benjamin Abrahão, que os acompanhou durante algum tempo, registrando em fotografias e filmagens a rotina dos cangaceiros. Esse fato demonstra o quanto rei do cangaço e seus homens davam importância para as fotos, já que não permitiam a entrada de estranhos, temendo uma possível traição.



As armas eram peças fundamentais do cangaço; além dos fuzis e carabinas, o punhal sempre acompanhava os cangaceiros em suas caminhadas. Este tipo de lâmina, usualmente curta e com cabo formando uma cruz, adquiriu uma forma mais distendida com a ponta afiada, facilitando o uso da “técnica da saboneiteira”, com o intuito de perfurar os órgãos vitais - coração e pulmões.



Autores

Nordestinos

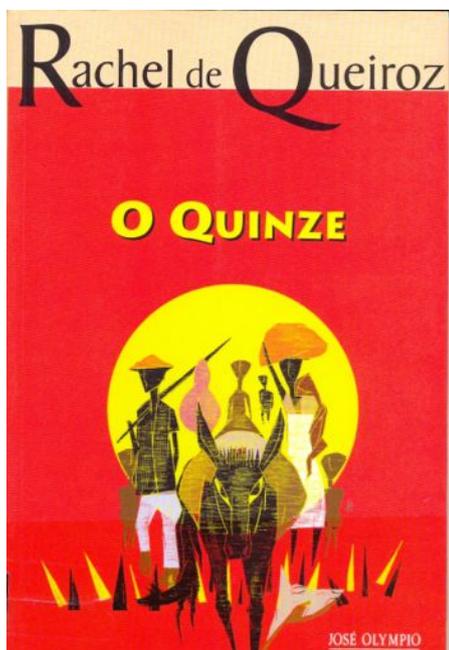
A literatura é a abertura maior da imaginação, pois é através dela que os autores abrem seus corações para um mundo além das possibilidades humanas, mas não fazem uma viagem só, levam consigo todos os ávidos leitores. A literatura Nordesteira merece todo apreço, pois nela encontramos o que de mais representa a cultura local, seja falando de seu povo, da música, da culinária, enfim, existe um grande número de escritores nordestinos que escolheram a região onde nasceram para ser a história central de seus livros.

Dentro desse quadro de escritores podemos citar Jorge Amado, que soube como ninguém escrever a Bahia daquela época e ainda revelou a beleza e a sensualidade da mulher, a exemplo de sua obra,

Gabriela. Temos também os mais tradicionais como José de Alencar, Aluísio Azevedo, Gonçalves Dias, dentre outros.

Aqui destacamos dois autores que souberam escrever como ninguém os sofrimentos e dissabores do povo nordestino. Graciliano Ramos, em seu livro “Vidas Secas”, e Rachel de Queiroz com o “Quinze” trouxeram para o público como o fenômeno da seca afeta de forma trágica e impiedosa os moradores da região. Graciliano e Rachel mostraram o grande problema que afeta milhões de nordestinos quando a chuva fica escassa no sertão, levando também um alerta dos problemas enfrentados pela população no período de estiagem.

É essa troca entre autor e leitor que faz a magia da leitura.



“O Quinze” narra a história da luta pela sobrevivência do povo cearense diante da seca que assolou o Estado em 1915. A narra-

Vidas Secas retrata a história de uma família de retirantes que está fugindo da seca no sertão nordestino. Fabiano, o pai, junto com Sinhá Vitória, a mãe, e os dois filhos lutam para sobreviver em meio às desgraças da seca. Junto com a família também viaja a cachorra Baleia, que é tratada como um membro da família. Depois de tanto andarem encontram uma fazenda abandonada e nela se instalam, esperando que a chuva chegue e tempos melhores possam aparecer. Na verdade a fazenda tem dono, e Fabiano passa a trabalhar como vaqueiro para o proprietário e logo sente-se injustiçado pelo patrão, pois trabalha arduamente e recebe pouco, sempre achando que é roubado pelo dono da fazenda. Dentre tantas

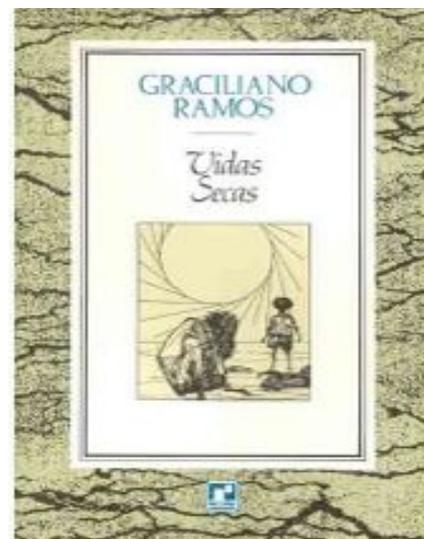
aventuras que a família enfrenta uma das mais emocionantes é a que envolve a cachorra Baleia. Depois de um período de passagem estabilidade, Fabiano e sua família partem novamente em retirada quando as chuvas deixam de cair pronunciando um novo período de seca. Sem destino certo, saem sem rumo, mas com a esperança de alcançarem um novo lugar onde a seca, a fome e a miséria não tenham espaço para a nova vida.

tiva é contada em duas histórias paralelas. Por um lado vemos a de Chico Bento, sertanejo que se vê obrigado a abandonar a terra onde mora, pois nela não se encontra mais forma nenhuma de sobrevivência, já que a dona da fazenda onde ele trabalha decide soltar os bichos caso não chova até o dia de São José. Como a chuva não apareceu, Chico Bento se vê desempregado e sem condições de alimentar sua família. Então o sertanejo decide viajar para a capital Fortaleza em busca de uma vida melhor para sua esposa, Cordulina, sua cunhada Mocinha e seus cinco filhos pequenos. Mas a trajetória da família é muito penosa, pois o alimento acaba e eles passam

fome e sede. A morte do filho Josias e a fuga do filho mais velho, Pedro, deixam a trajetória da família mais penosa.

Por outro lado, “O Quinze” narra a história de Conceição e Vicente. Os dois são primos e sempre trocaram flertes, mas nunca passaram disso. Também são separados pela seca, pois ela tem que ir para a capital com a avó e ele continua a morar no sertão cuidando da fazenda da família.

O romance de Rachel de Queiroz é uma obra pra ser lida, e fazer o leitor refletir sobre a realidade do povo nordestino durante o período mais dramático que a região atravessa, onde tudo é devastado pelo sol impiedoso.



Vidas Secas é uma obra emocionante. Graciliano Ramos narra a história da seca nordestina que tanto traz sofrimento para os que vivem na região e são castigados por esses longos períodos de estiagem. O livro retrata a real condição do povo brasileiro,

não apenas na época em que foi escrito, mas também nos dias atuais, tais como a injustiça social, miséria, fome, a seca, o que nos faz refletir que os problemas no Brasil do passado ainda acontecem no Brasil do presente.

Galeria



Catedral de Nossa Sra da Conceição.
Campina Grande - PB
Foto: Julio Cezar Peres



Igreja do Rosário Pombal, do
Século XVIII. Pombal - PB
Foto: Julio Cezar Peres



{ Casa na Rua das Castanholas-
Campina Grande -PB
Foto: Julio Cezar Peres



{ Casamento no Parque do
Povo, Campina Grande - PB
Foto: Julio Cezar Peres



{ Luiz Gonzaga
Foto: Julio
Cezar Peres

Centenário do “Rei do baião”

No ano do centenário de Luiz Gonzaga do Nascimento, por todo país estão sendo realizadas homenagens ao mestre da música nordestina

Filho mais ilustre da pequena cidade de Exu, no sertão pernambucano, Luiz Gonzaga completaria 100 anos no dia 13 de Dezembro de 2012 se ainda estivesse em vida.

Quando ainda criança se apaixonou pela sanfona e desde então não largou mais, sendo ela a sua companheira de toda uma vida. Sua trajetória até se tornar o “Rei do Baião” não foi fácil.

Luiz Gonzaga do Nascimento foi um artista renomado e cantou para o Brasil e para o mundo os dissabores da vida no sertão nordestino; Gonzagão, junto com seus amigos compositores, foi um dos artistas que mais divulgou a cultura da região Nordeste nas letras de suas músicas, a exemplo de “Asa Branca”, “Que nem Jiló”, “Paraíba”, dentre tantos sucessos que fizeram parte de sua carreira.

Mesmo após sua morte, “O Rei do Baião” não foi esquecido pelo povo que ele tanto mencionou em suas músicas. Prova disso são as homenagens que vêm sendo realizadas, este ano, por todo país, graças ao seu centenário. Para citarmos algumas, no início do ano, no carnaval carioca, a escola de samba Unidos da Tijuca levou para o sambódromo a história de Gonzagão, se consagrando como campeã com o

enredo da vida do filho de Exu. Chegando mais próximo a sua terra, tivemos em Campina Grande outra homenagem ao rei do Baião. Este ano, o evento homenageou o centenário de Luiz Gonzaga e levou para dentro do Parque do Povo a “Casa de Gonzagão”, um museu onde era possível conhecer um pouco da história de um dos artistas mais ilustres do Nordeste.

Outra forma de reconhecimento pelos 100 anos de seu nascimento foi a produção do filme “Luiz Gonzaga – De Pai pra Filho” de Breno Silveira. A película foi lançada em outubro e leva para as telonas o drama da relação de Luiz Gonzaga com a família. O relacionamento com o filho Gonzaguinha é o norte principal da história.

Seja no carnaval, São João ou no cinema, o que importante é o legado que esse grande artista deixou em vida. Desde sua origem humilde no município de Exu, até seu sucesso estrondoso, Luiz Gonzaga encarnou, em suas canções, como nenhum outro a região Nordeste, castigada pela seca e pobreza, mas rica culturalmente. Por essas e outras razões todas as homenagens são merecedoras de aplausos para o eterno Rei do Baião.

Acesse

Onde encontrar?

“Maria Bonita” traz uma seleção de sites que abordam a cultura no Nordeste e nas demais regiões do país



Nação Nordestina é um projeto que surgiu em dezembro de 2011, por um cearense do município de Alto Santo. A Fan Page oficial no Facebook tem uma média de alcance de doze milhões de visualizações por semana. Comidas típicas, dicionário “nordestinês”, denúncias sobre preconceito, além de fotos e poesias são exemplos de conteúdos abordados pela Fanpage e site homônimo: www.nacaonordestina.org

Livre Pauta

Informação com Liberdade e Criatividade

O site www.livrepauta.com pratica um jornalismo cultural diferente da grande mídia. Aborda temas a exemplo de literatura, teatro, cinema e música. É alimentado por jornalistas da cidade de Campina Grande-PB e também está presente nas redes sociais *twitter* e *facebook*.



Cultura Nordestina (www.culturanordestina.blogspot.com) é o nome do blog que divulga os aspectos culturais da região nordeste e demais regiões do país. Aqui você encontra poesias, contos, poemas, curiosidades, além de artigos, eventos e reflexões acerca do tema.



No site www.brasilcultural.com.br você obtém informações artísticas, históricas, turísticas, educacionais e culturais. Através de cadastro pessoal você recebe por email notícias sobre cultura e programação cultural da rádio virtual produzida pelo site.



Socultura.com é um projeto que funciona em Fortaleza - CE, voltado para a disseminação da cultura. Além da divulgação e elaboração de conteúdos com aspectos culturais, o site possui uma livraria on-line com a venda de livros e produtos relacionados ao tema abordado.

Realizamos o
seu evento
não da
melhor
maneira, mas da
SUA
maneira!

NÓS4
assessoria de eventos

